

MANUEL FILHO

A RODA • DA VIDA •

ilustrações GUILHERME PETRECA

Obra selecionada
pelo Programa de
Ação Cultural (ProAC)
2014 do Estado de
São Paulo



Texto © Manuel Filho

Ilustrações © Guilherme Petreca

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Projeto gráfico
Vanessa Sayuri Sawada

Diretora comercial
Patth Pachas

Diagramação
Carla Almeida Freire

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Preparação
Beto Furquim

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Revisão
Ana Maria Latgé

Assistente editorial
Olívia Tavares

Impressão
Lis Gráfica

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Filho, Manuel

A roda da vida/Manuel Filho; [ilustração Guilherme Petreca].
– 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2019. 168 pp.

ISBN 978-85-7888-740-7

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Petreca,
Guilherme. II. Título.

Biblioteca: Vanessa Mafra Xavier Salgado – CRB-7/6644

19-56513

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(81)

2019

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Para todos aqueles que,
em algum momento da vida,
se sentiram abandonados.*

*Um agradecimento especial
ao Museu da Santa Casa de
Misericórdia de São Paulo.*

SUMÁRIO

A exposição	7
O pacote misterioso	11
Os poucos galhos de uma árvore	14
A purificação da alma	19
O presente revelado	22
Que ela não apareça	26
A vez do destino	31
Incertezas	35
O certo giro de uma Roda	38
Sozinho... Tão frágil	43
Novo abandono	46
Motivos tristes	50
Documentos perdidos	54
Uma nova mulher	57
Tempos confusos	63
Algumas flores no jardim	68
Uma fuga apaixonada	72
Pesadelos	76
Sonetos e bilhetes	82
... Bilhetes	87

O inesperado	91
Uma mudança de destino	95
Inspiração: clássicos	100
Imitando Romeu e Julieta	104
Lembranças perdidas... E achadas!	109
Outro adeus	116
Restos de canções	121
Um ofício	126
Livros	133
Quinze anos	138
Culpa	142
Adeus, João	146
Duas vidas	150
O jardim	155
O bebê da Roda	162

Nos tempos da Roda...

A EXPOSIÇÃO

Até o último segundo ainda lhe faltaria coragem. Chegar até ali já havia sido imensamente difícil, mas Elza não via outra saída, permanecia sem opções.

A noite estava realmente gelada, e o bebê em seus braços se encontrava tranquilo, dormindo. Olhou para ele e lhe cobriu o rosto com a fina manta que levaria a fim de agasalhá-lo. Depois desse gesto, ganhou impulso e se dirigiu ao seu destino. Entretanto, subitamente, a jovem notou uma mulher saindo das sombras rumo à mesma direção. Elza retornou ao seu esconderijo, uma pequena viela escura entre duas casas e aguardou, apreensiva.

A outra mulher se aproximou rapidamente do que parecia ser um buraco em uma parede, parou diante dele, olhou ao redor e depositou ali o que levava. Então, fez um movimento brusco, como se estivesse empurrando alguma coisa. Um som pesado, de algo girando com dificuldade, ouviu-se. Termi-

nado o ato, ela puxou uma corda e o badalar de um sino soou. Logo, partiu para o lado oposto de onde viera, desaparecendo por entre as sombras.

Em seguida, silêncio.

Elza permaneceu em seu canto aguardando por algum acontecimento. Não demorou para que escutasse passos do outro lado do muro e um choro, suave. Passaram-se alguns instantes e, por fim, o som rangente se repetiu.

“É agora!”, pensou Elza.

Examinou os arredores e, finalmente, deixou seu esconderijo. A cada passo dado, a distância se tornava maior; um trajeto infinito. Seu caminhar era pesado, trêmulo, e o bebê começou a ficar inquieto. Despertou. Ela o envolveu ainda mais, de maneira que ele pudesse se sentir seguro, e acelerou a caminhada, pois temia um pranto triste e inoportuno.

Então, atingiu o buraco na parede e o tocou; sentiu a fria madeira. Era a Roda, impassível, que cumpria a sua função. Quantas vezes Elza analisara aquele caminho. Jamais tivera a ousadia de se aproximar, de tocá-la. Apenas a observava de longe; um cilindro de madeira oco, giratório sobre seu próprio eixo e cuja abertura voltava-se para a rua. As mãos de

Elza tremiam, mas ela acabou conseguindo acomodar naquele espaço tão apertado o bebê que trazia no colo. Tratou de enrolá-lo cuidadosamente. Em volta de seu pescoço, colocou um delicado cordão, todo ornamentado, e, o principal, deixou uma carta; uma mensagem a ser lida, talvez compreendida e aceita.

O bebê finalmente chorou, e aquilo impediu que Elza tivesse tempo de se arrepender, de ter qualquer atitude senão a de aceitar as exigências de outros, impostas.

Suas mãos procuraram por alguma coisa, acima do cilindro, mas o nervosismo a impedia de ter sucesso. Então, de repente, notou um pedaço frio de metal e o segurou. Aplicou toda sua força a fim de produzir um deslocamento e notou um grotesco ranger. A Roda girava. Elza viu o bebê desaparecer do alcance de seus olhos. Sumiram as pernas, o corpo, a carta e, num último impulso, a cabeça foi engolida pela escuridão. Não havia mais vestígios do buraco na parede. Ele fora totalmente coberto por uma lâmina grossa de madeira.

Estava acabado.

Agora, bastava puxar a corda, o sino. Ouviu o badalar e aguardou. Em seguida, passos e silêncio.

Elza chorava. Escutou claramente quando alguém murmurou uma prece. Em seguida, sentiu um leve tremor na parede de madeira. Afastou-se, pois o cilindro girava outra vez. Por um segundo, julgou que estivesse sonhando, que a criança ainda permanecia em seus braços, que nada daquilo acontecera, porém, ao terminar o giro, o espaço oco se encontrava vazio.

Elza colocou novamente as mãos naquele interior e teve a impressão de sentir o breve calor deixado pelo bebê. O fato estava consumado. Ela partiu lentamente, desejando que seu filhinho fosse tratado com carinho, que lessem sua carta e que, talvez assim, ele não encontrasse o triste destino de tantos outros expostos.

O PACOTE MISTERIOSO

Ricardo acordou com uma gritaria ao seu redor. Mesmo que quisesse – afinal, era seu primeiro dia de férias –, não conseguiria simplesmente virar para o lado e continuar dormindo.

– Acorda, dorminhoco! – berrava Pietro, seu irmão mais novo.

– Levanta! – gritava Juliana, sua irmã ainda mais nova.

Tentando colocar alguma ordem naquela situação, Olívia, a mãe, interferiu.

– Calma, crianças, hoje é o aniversário dele, não machuquem o irmão de vocês – completou ela, beijando o filho. – Eu até ia deixar você dormir tranquilo, mas seus irmãos impediram.

Logo Ricardo entrou na brincadeira, uma tradição familiar: o primeiro que acordasse na manhã de qualquer aniversário tratava de parabenizar o “felizardo” com uma travesseirada, uma forma de demonstrar “amor”.

A casa em que viviam não era muito grande e se localizava em uma discreta vila com apenas quatro outras

residências. Todos se conheciam e dispunham de um aca-nhado quintal comunitário onde cuidavam de plantas e de alguns gatos perdidos.

Ao se mudarem para lá, Olívia e Marcos só tinham Ricardo. Em pouco tempo, os demais membros da família vieram. A última foi Juliana, beneficiada com um quarto próprio. Uma pequena despensa mudou de função e passou a abrigar muitas bonecas. Como Ricardo e Pietro dividiam o mesmo quarto, quando um dos dois fazia aniversário a garota nunca conseguia iniciar a batalha de travesseiros. Na vez dela, os dois disputavam para ver quem teria o privilégio de ser o primeiro a atacá-la.

Ricardo já se sentia bem mais velho que Pietro, que tinha dez anos, e Juliana, que tinha oito, mas ainda se permitia ser totalmente criança junto aos dois. Assumira prazerosamente o papel de protetor.

– Tá, acordei! – disse ele. – Cadê meus presentes?

– Não tem – gritou Pietro, acertando a cabeça do irmão.

Juliana ainda tentou puxar a orelha do aniversariante por 15 vezes, mas não teve sucesso. Ricardo passou a impedi-los de fazer isso desde que, aos 12 anos, quase ficou sem uma orelha, tamanha a força empregada no gesto das crianças.

Os pacotes não demoraram a aparecer. Olívia pediu ao garoto que só os abrisse mais tarde, de forma que o pai

também pudesse assistir, mas aquilo seria impossível. No primeiro dia de férias, com presentes recebidos logo pela manhã, era difícil mantê-los intactos até à noite.

E Ricardo os abriu, um por um.

– O game que eu queria! – gritou ele. – Obrigado, mãe!

Dos irmãos, recebeu HQs e chocolates. Ele gostou de tudo, mas não havia como competir com o fascínio despertado pelo novo jogo.

Olívia não teve coragem de revelar a existência de um presente extra, talvez o mais importante e enigmático. Ela não conseguia imaginar, nem em um milhão de anos, o conteúdo daquele pacote que chegara de surpresa em sua casa. A curiosidade era imensa, entretanto, tal presente merecia ser aberto em um momento especial, pois, conhecendo o remetente como conhecia, o pacote poderia provocar uma séria mudança na vida de toda a família.

OS POUCOS GALHOS DE UMA ÁRVORE

Foi um dia divertido.

Ricardo brincou a tarde inteira com seu game. Seus melhores amigos apareceram e eles acabaram travando algumas batalhas coletivas, e pausaram somente na hora de partir o bolo. Depois disso, voltaram às disputas, mas logo os participantes tiveram que largar a diversão por motivo de força maior: suas mães os chamaram.

No início da noite, o pai de Ricardo já havia retornado do trabalho. Ao vê-lo, Olívia apontou para o pacote misterioso e Marcos compreendeu que a hora de desvendar o mistério se aproximava. Aproveitaram que os outros filhos brincavam no quintal e convidaram seu primogênito para uma conversa.

– Filho – principiou Marcos –, ainda tem um presente para você.

Os olhos do garoto brilharam e ele concluiu que aquele dia estava sendo melhor do que o esperado.

– Só que... – continuou sua mãe – não é nosso. Foi o avô Aparecido que mandou.

De repente, a expressão do menino mudou. Ele ficou imensamente surpreso, pois seria capaz de contar nos dedos de apenas uma mão quantas vezes recebera alguma lembrança desse seu avô. No entanto, Ricardo tinha muito carinho por ele. Olívia costumava relatar que o pai dela sempre a tratou com imenso cuidado, sempre muito carinhoso. Ele nunca deixou faltar qualquer coisa para a filha, colocou-a nas melhores escolas e permitiu que ela seguisse o caminho que desejasse. Porém, intolerante à desobediência, exigia disciplina e o cumprimento dos horários.

Quando Olívia conheceu Marcos, achou que, novamente, teria problemas. Entretanto, isso não aconteceu. Antes dele, apresentara somente dois namorados à sua família, e ambos os momentos foram decepcionantes. Ao levar os rapazes para sua casa, seu pai se comportou de maneira idêntica: cumprimentou-os rapidamente e se escondeu em seu quarto. Não desejava conversar.

Por sua vez, a mãe de Olívia, dona Joana, tentava explicar à filha que ele era ciumento, necessitava de paciência. Ela até compreendia, mas seu pai impunha tantas restrições que os relacionamentos acabavam terminando. A moça não ousava desafiá-lo, pois o homem já havia sofrido o suficiente na vida. Na verdade, ela nem sequer conhecia plenamente o passado de seu pai.

A vida de Aparecido Benvenuto era cercada de mistérios. Sua esposa parecia conhecer diversos deles, mas jamais fora de tecer grandes comentários. O que se sabia, com certeza, era a inexistência de qualquer parente ligado a ele. Olívia só descobriu isso quando, ainda criança, precisou fazer um trabalho para a escola: sua árvore genealógica.

Ao consultar a mãe, obteve dezenas de informações. Dona Joana viera do Nordeste e possuía 12 irmãos, ou seja, os galhos dos tios eram vários. Depois, existiam os primos e alguns sobrinhos, inclusive. Olívia se surpreendia por, tão jovem, já ser tia. A família ainda se esparramava por bisavós e variados parentes.

Contudo, ao tentar fazer o mesmo com seu pai, o vazio incomodava, havia apenas um galho. Pareceu-lhe, inclusive, que se tratava de um assunto intocável, que quanto menos falasse sobre ele, melhor. Sua mãe lhe explicou à época que, dentre toda a família, o tronco de seu pai era o mais forte, pois ele sempre precisou se sustentar por suas próprias mãos. Ao mostrar a atividade final na escola, os amiguinhos de Olívia riram dela, achando graça naquele galho tão seco.

Ainda sem compreender a razão, Olívia começou a sentir um pouco de vergonha a respeito do passado incerto de seu pai.

Infelizmente, alguns desses segredos só vieram a ser desvendados quando sua mãe ficou seriamente doente. A enfermidade se agravou rapidamente. Joana enfraquecia a olhos vistos. Aquilo suscitou na senhora um desejo de urgência, de resolver assuntos pendentes. Ela tentou todas as maneiras possíveis de aproximar pai e filha, uma vez que desejava que eles seguissem em paz a partir do momento no qual ela não estivesse mais entre eles.

Ao se ver sem a esposa e com uma filha, que ainda dependia dele, Aparecido percebeu o tamanho de sua responsabilidade. Temia que algo lhe acontecesse e que a filha ficasse sozinha no mundo, como ele... Foi por esses dias que surgiu Marcos, o novo namorado, e Aparecido se mostrou tolerante. Aos poucos, o rapaz foi conquistando a confiança do senhor e acabou sendo aceito dentro do pequeno núcleo familiar.

O casamento se concretizou e, para desconforto de todos, Aparecido de fato terminou ficando sozinho. O jovem casal teve de se mudar em razão de trabalho, e o senhor recolheu-se à sua casa e às lembranças. Sempre era muito difícil contatá-lo; ele permanecia avesso às inovações tecnológicas, como internet e celular. Mantinha apenas um velho telefone fixo.

No início, Olívia fazia viagens mensais para visitá-lo, porém, quando os filhos nasceram, tudo se complicou. Aparecido se distanciou naturalmente.

Por isso, foi uma surpresa quando os Correios entregaram o pacote com uma carta recheada de instruções destinada à filha. Ela deveria dar aquele presente a Ricardo, e somente ele poderia abri-lo. Desde então, a curiosidade era imensa; aquilo jamais havia acontecido, nem mesmo com ela. Finalmente, pediu ao filho:

– Abra logo, querido. Deve ser importante.

Nos tempos da Roda...

A PURIFICAÇÃO DA ALMA

Irmã Augusta mal recolhera um bebê quando ouviu a sineta tocar novamente. Benzeu-se.

“Outro anjinho”, pensou.

Seu coração sempre se apertava ao escutar aquele som. Não sabia o que esperar. Estava certa da necessidade da Roda dos Expostos, era uma maneira de impedir mães desesperadas de cometer o que a irmã considerava o maior de todos os pecados: o aborto. Assim, desde que essas mães tivessem onde deixar seus filhos enjeitados, seguiriam em paz com suas almas.

Já havia perdido as contas de quantos bebês retirara da Roda. Foram tantos meninos e meninas que não seria capaz de afirmar qual dos sexos prevalecia. No início, ela chorava. Alguns eram colocados na Roda completamente nus, ainda com o cordão umbilical e sem nenhum indicativo de sua origem. Muitos desses não sobreviviam ao próximo nascer do sol. A primeira vez na qual um exposto morreu

em seus braços, ela praticamente deixou de sentir as mãos, tremia intensamente. Por diversos dias não conseguiu se aproximar da Roda e rezou por seguidas e seguidas horas. Quando retomou suas atividades, recolhia os bebês com extremo cuidado, pois temia feri-los em razão de qualquer movimento brusco.

Vários deles eram abandonados mortos, inclusive. Os que estavam com o corpo frio, já poderiam ter falecido há horas; outros, ainda quentes, acendiam em irmã Augusta um grande temor: o infanticídio. Alguma mãe, desesperada, teria matado o bebê e colocado o corpo na Roda a fim de obter à pequena criatura, pelo menos, um enterro cristão, digno.

Essa possibilidade, porém, não afastava outro receio de irmã Augusta: o de que o bebê não tivesse sido batizado; morrido pagão. Para a alma da pobre criança seria um enorme prejuízo, pois ela ficaria eternamente no limbo, em meio à escuridão, sem alcançar o Paraíso. A providência inicial, tomada com os expostos na Roda, era justamente seu batismo, afastando, assim, tão sério risco. Nesse momento, a criança recebia um nome, que poderia ser o do santo do dia. Naquela Santa Casa de Misericórdia todas as crianças ganhavam o mesmo sobre-